



# **A Amazônia brasileira no holoceno inicial:**

tecnologia lítica,  
cronologia e  
processos de  
ocupação

*Lucas Bueno*



Já é senso comum dizer que há poucos trabalhos sobre esse tema e que por isso nada pode ser dito – quando se fala em sítio antigo na Amazônia, a primeira coisa que vem à cabeça é sua inexistência e a pergunta principal é: mas eles existem? Essa visão e essa pergunta, no entanto, são hoje anacrônicas e não se pode mais justificar a ignorância desse contexto em função da ausência de dados.

Temos muitos contextos, muitos dados, muitas datas para a ocupação da Amazônia no Holoceno inicial? Não, de fato não temos, ainda mais quando levamos em consideração o tamanho da área sobre a qual estamos falando, a qual atualmente abrange os estados do Acre, Amazonas, Roraima, Rondônia, Amapá, Pará e parte de Tocantins e Mato Grosso. Mas temos sim alguma coisa, temos datas que abrangem todo o Holoceno Inicial até o Pleistoceno tardio, entre pelo menos 11.500 e 7.000 AP (NEVES, 2006; ROOSEVELT et al., 1996; ROOSEVELT et al., 2002; KIPNIS et al., 2005; CALDARELLI et al., 2005; MAGALHÃES, 2005; MILLER, 1987; MILLER, 1992), com contextos diversificados em termos de localização geográfica e conjunto de vestígios associados, tanto no que se refere ao instrumental lítico, quanto aos elementos associados à subsistência. Ou seja, temos poucos dados. Esses dados são fragmentários<sup>1</sup> e estão longe, muito longe do ideal; no entanto, isso não justifica uma omissão sobre esse período e não justifica a ausência de reflexão e de propostas sobre o processo de ocupação dessa macrorregião nesse período.

Outro ponto importante daí derivado é que os dados disponíveis são suficientes para provar que já há uma ocupação da região desde o final do Pleistoceno e que não é mais necessário que fiquemos sempre reforçando e tendo que repetir que a Amazônia foi sim ocupada por grupos que tinham uma subsistência baseada nas atividades de caça, coleta e muito provavelmente um manejo incipiente dos recursos da floresta, como bem caracterizam os trabalhos de Gnecco para a Amazônia Colombiana (GNECCO; MORA, 1997; GNECCO, 1999) e os trabalhos de Roosevelt para o baixo Amazonas (ROOSEVELT et al., 1996, ROOSEVELT et al., 2002); devemos mudar as perguntas.

Ao invés de perguntarmos apenas: esse sítio é mesmo antigo? Será que houve de fato uma ocupação da floresta amazônica no início do Holoceno por grupos que viviam de caça e coleta?

Podemos perguntar também: Como foi o processo de ocupação dessa macrorregião desde o final do Pleistoceno? Podemos pensar em diferentes processos, associados a contextos ambientais diversificados, tanto no tempo quanto no espaço? Quais foram as possíveis rotas de ocupação e qual o papel desempenhado pelas áreas de contato com os ecossistemas vizinhos nesse processo? Que tipo de informação os conjuntos líticos associados aos contextos datados

---

<sup>1</sup> Em muitos casos dispomos apenas de listas de artefatos definidos com base em atributos morfológicos, como é o caso, por exemplo, de Miller (1987).

desse período têm trazido para essa discussão? Qual é o papel da tecnologia bifacial e das pontas de projétil nas coleções líticas desse período na Amazônia? Quais as características e implicações do padrão de subsistência que tem sido evidenciado nesses sítios antigos?

Ou seja, temos que construir novos problemas de pesquisa para a região nesse período – problemas que podem ser formulados com base nos dados já disponíveis. Essa apresentação tem o intuito de fazer uma breve síntese e apontar alguns caminhos com relação a essas questões.

## Quais são os dados disponíveis?

- Contextos arqueológicos da Amazônia brasileira com datas superiores a 12.000 AP

Amazônia: Abrigo do Sol, escavado por Miller, com datas de  $19.400 \pm 1.100$  e  $14.470 \pm 140$  AP (MILLER, 1987).

Entorno – Santa Elina, escavado por Águeda e Dennis Vialou, com datas entre 23.320. 19.800 AP (VIALOU, 2005).

- Contextos arqueológicos da Amazônia brasileira com datas entre 10-12.000 AP.

Amazônia: Abrigo do Sol, noroeste do Mato Grosso, escavado por Miller, com datas entre  $10.405 \pm 100$ AP e  $9370 \pm 70$ AP (MILLER, 1987). Pedra Pintada, oeste do Pará, escavado por Roosevelt, com datas entre 11.200 e 10.000 AP (ROOSEVELT et al., 1996).

Entorno: Miracema do Tocantins 1, Capivara 5 e Lajeado 18, centro-norte do Tocantins, escavados por Bueno, com datas entre 10.500 e 10.000 AP (BUENO, 2007);

- Contextos arqueológicos da Amazônia brasileira com datas entre 7-10.000 AP

Amazônia: Sítio Dona Stela, Amazonas, escavado por Eduardo Neves, com datas de 7.400 AP (NEVES, 2006). Fase Itapipoca, com datas entre  $8320 \pm 10$  (beta 27015) e  $6970 \pm 60$  (beta 27013), Baixo Rio Jamaris, escavados por Miller (MILLER, 1992). Pedra Pintada, oeste do Pará, escavado por Roosevelt, com datas entre 11.200 e 10.000 AP (ROOSEVELT et al., 1996) Complexo Carajás, Serra dos Carajás, com mais de 8 sítios, escavados por diferentes equipes do Museu Paraense Emílio Goeldi e pela Scientia Consultoria Científica, com datas entre 7040 e 9000 AP (MAGALHÃES, 2005; KIPNIS et al., 2005).

Entorno: Sítios Breu Branco 1 e Breu Branco 2, sudeste do Pará, escavados pela Scientia Consultoria Científica, com datas entre 7.940 e 9.510 AP (CALDARELLI et al., 2005). Complexo Lajeado, com 5 sítios, escavados por Bueno, com datas entre 8980 e 9990 (BUENO, 2007) (Figura 1).

Com relação à Tabela 1 foram selecionadas todas as datas disponíveis em publicações de ampla circulação na Arqueologia Brasileira. Assim como para a caracterização do material

Sítios	Quantidade de datações nesta faixa temporal	Datação mais antiga AP	Laboratório	Datação mais recente AP	Laboratório
<b>Amazonas</b>					
Dona Stela*	03	7.700 ± 50	Beta 178912	7.500 ± 50	Beta 242435
<b>Pará</b>					
Pedra Pintada	56	11.145 ± 135	GX-17413	10.000 ± 60	GX-19539
Gruta do Gavião	1	8.140 ± 130			
Gruta do Pequiá	4	9.000 ± 50	Beta 110699	8.119 ± 50	Beta 110700
Gruta do Rato	2	8.470 ± 50	Beta 110706	7.040 ± 50	Beta 110705
Gruta da Guarita	1	8.260 ± 50	Beta 110703	-	
NV-V	2	8.850 ± 40	Beta 210858	8680 ± 40	Beta 210857
N4WS-017	3	8.310 ± 60	Beta 215050	7680 ± 100	Beta 215051
N4WS-012	3	8.240 ± 90	Beta 215053	7960 ± 60	Beta 215055
N4WS-005	2	8.110 ± 60	Beta 215056	8050 ± 70	Beta 215057
BB1*	2	9.570 ± 70	Beta 215041	7940 ± 90	Beta 215040
BB2*	1	9.510 ± 60	Beta 215042	-	-
<b>Rondônia</b>					
RO-PV-48*	4	8.320 ± 10	Beta 27015	6970 ± 60	Beta 27013
<b>Mato Grosso</b>					
Santa Elina	3	23.320 ± 1000	GIF-9365	19.800 ± 1000	GIF-9042
Santa Elina	12	10.120 ± 60	GIF-8954	7010 ± 70	GIF-9369
MT-GU-1: Abrigo do Sol		19.400 ± 1.100		14.470 ± 140	
MT-GU-1: Abrigo do Sol	2	10.600 ± 130	N-3223	8930 ± 100	SI-3736
<b>Tocantins</b>					
Miracema do Tocantins 1*	6	10.530 ± 90	Beta-190080	9397 ± 80	GIF
Miracema do Tocantins 2*	1	9.890 ± 80	Beta 190082	-	
Lajeado 18*	1	10.300 ± 60	Beta 179198	-	
Capivara 5*	4	10.050 ± 80	Beta 179196	8960 ± 70	Beta-160594
Mares 2*	1	9.940 ± 60	Beta-160599	-	-
<b>Maranhão</b>					
Ranchada*	1	7970 ± 40	Beta 175184	-	-

► Tabela 1. Sítios com datas superiores a 7.000 anos AP localizados na Amazônia e em seu entorno. Os sítios indicados por asteriscos se encontram a céu aberto.



► Figura 1.  
Localização das  
áreas com sítios  
arqueológicos com  
datas superiores a  
7.000 anos AP na  
Amazônia Legal.

lítico, também no caso das datas há, muitas vezes, pouca informação ou informações fragmentárias sobre o contexto de proveniência das amostras datadas. Isso traz uma série de questões sobre a validade das amostras e dos resultados obtidos, aspecto este que tem sido sempre enfatizado como um limitador, um empecilho para o avanço da discussão sobre povoamento inicial dessa região. Certamente que esses contextos merecem uma melhor caracterização e controle, mas o que queremos enfatizar aqui é que não se trata mais de uma ou duas amostras. Temos atualmente amostras referentes a esse período do Holoceno Inicial em vários dos Estados englobados pela região amazônica. Amostras provenientes de sítios distintos, escavados por diferentes pesquisadores, localizados em diferentes contextos, tanto a céu aberto (sítios indicados com asteriscos na tabela) quanto em abrigo. Claro que a repetição não faz a regra, mas é preciso reforçar que, se por um lado há fragilidades, há também coerência suficiente para assegurar a hipótese de uma ocupação inicial dessa região. Além disso, a intenção da apresentação desse conjunto de datas é ultrapassar a barreira colocada pelo modelo Clóvis First e dar visibilidade aos contextos que apresentam datas bastante recuadas, como é o caso de Santa Elina e do Abrigo do Sol, para que encaminhem uma discussão que esteja acima de propostas dogmáticas que excluem a priori a possibilidade de existência de tais sítios.

Como mencionei, as datas apresentadas são aquelas disponíveis em publicações de ampla circulação, mas, haja vista a atividade crescente pela qual passa a Arqueologia Brasileira nos últimos anos, principalmente no que diz respeito à realização de trabalhos de Arqueologia Preventiva, certamente há novas datas, tanto para contextos já conhecidos, como para novas áreas, mas que infelizmente não têm sido divulgadas e não estão acessíveis para integrar um debate acadêmico.

## DISCUSSÃO

Vamos explorar três aspectos associados a essas ocupações: cronologia e rotas de ocupação; localização geográfica e implantação dos sítios, e tecnologia lítica.

### Cronologia e rotas de ocupação

As evidências de ocupações anteriores a 10.000 anos são muito pontuais mas, um aspecto que chama a atenção é sua localização – uma muito próxima a calha do rio Amazonas (Pedra Pintada, em Monte Alegre) e outra próxima à cabeceira de um dos formadores do seu maior afluente pela margem direita (Abrigo do Sol, próximo à cabeceira do rio Mamoré), a cerca de 600 km de distância. Ou seja, só essa distância e a diferença em termos de implantação já são evidências suficientes para pensarmos na existência de diferentes processos de ocupação da região desde o final do Pleistoceno, dada a improbabilidade da realização de deslocamentos por tão vasta região em um curto período de tempo.

Se inserirmos essas datas ainda em um contexto mais amplo surgem então novas questões – por exemplo: se pensamos numa ocupação via rio Amazonas, curiosamente temos para o médio Amazonas (Dona Stela) datas mais recentes do que para o Baixo Amazonas (Pedra Pintada) e ainda, como explicar que a data mais antiga para toda a região amazônica está no meio da floresta, próxima ao rio<sup>2</sup>, enquanto todo o entorno dessa região, incluindo aí

---

<sup>2</sup> Obviamente isto pode ser decorrente de uma lacuna de datas para os sítios localizados próximos ao rio Amazonas, mas de qualquer forma, as datas disponíveis atualmente nos possibilitam levantar essa questão. região nordeste, centro-oeste ou sul do país. Estes sítios não são mencionados no texto em função do recorte escolhido, que se refere especificamente ao processo de ocupação da Amazônia.

ecossistemas vizinhos, principalmente o cerrado, apresentam grande quantidade de datas para o intervalo entre 10 e 7.000 AP?<sup>3</sup>

A visão tradicional, que indica uma ocupação da América do Sul por um corredor litorâneo ao longo da costa do Pacífico<sup>4</sup> sempre nos fez pensar numa ocupação da Amazônia a partir do oeste. Mas se olharmos para outros modelos – como o modelo de Dixon (2001) é possível pensar em pelo menos duas rotas iniciais de ocupação, ainda que ambas pela faixa costeira – uma pelo Pacífico e outra pelo Atlântico, divisão esta a ocorrer após a chegada na América do Sul.

Essa proposta é interessante, pois abre caminho, literalmente, para pensarmos na existência de diferentes rotas e processos de ocupação do interior do continente, usando, a princípio o vale dos grandes rios, mas em seguida, se dispersando continente adentro (ARAÚJO, 2004).

O contexto assim construído nos permite levantar uma proposta de pesquisa que envolve a seleção de locais para testar essa hipótese – locais possivelmente inseridos nessas rotas que apresentem potencial para a presença de sítios antigos. Que locais são esses – quais devem ser suas características?

## Localização geográfica e implantação dos sítios

Como vimos na tabela de datas há atualmente sítios conhecidos na Amazônia e em seu entorno, tanto em abrigos quanto a céu aberto – indicando uma diversidade de ambientes e de locais da paisagem para assentamento desses primeiros grupos. Mas, talvez, atualmente o mais importante, ao invés de procurar novos locais nos quais haja sítios antigos, seja intensificar as pesquisas, mesmo nos locais já conhecidos – quer dizer, um aspecto fundamental para compreendermos melhor não só as rotas de ocupação, mas também os processos envolvidos nisso, envolve a obtenção de dados de alcance regional – como é o entorno de Pedra Pintada? Há outros sítios com datas antigas? Como eles se articulam? Será que há sítios a céu aberto? O mesmo pode ser feito para o entorno do Abrigo do Sol – nesse caso, os dois estão localizados em áreas de serra, certamente com um maior número de abrigos envolvidos na ocupação do período até agora datado. Assim, podemos dizer que a orientação dos estudos sobre esse período na Amazônia envolve a ampliação da prospecção nas áreas de entorno dos locais já

---

<sup>3</sup> Há inúmeros sítios atualmente conhecidos no Brasil com datas superiores a 10.000 anos AP, seja na região nordeste, centro-oeste ou sul do país. Estes sítios não são mencionados no texto em função do recorte escolhido, que se refere especificamente ao processo de ocupação da Amazônia.

<sup>4</sup> Para uma discussão sobre rotas de povoamentos com propostas distintas, ver Dillehay (2000), Dixon (1999), Faught (2008), Fiedel (2000), Bryan e Grun (2003), Goebel et al. (2008).

conhecidos, de forma a aumentar a diversidade de sítios associados a um mesmo contexto e assim compreender melhor a variabilidade artefactual e a forma de ocupação, apropriação e transformação da paisagem.

Esses dois contextos (Pedra Pintada e Abrigo do Sol) indicam um tipo específico de configuração ambiental no qual há uma grande probabilidade de se encontrar sítios antigos – áreas de serra com a presença de abrigos – esse é o caso da Serra dos Carajás, por exemplo, e também o caso de Presidente Figueiredo, próximo a Manaus e da serra das Andorinhas, no sudeste do Pará, divisa com o Tocantins; é ainda o caso das serras localizadas no centro e norte de Roraima e norte do Amapá, e ainda a serra do Cachimbo, no sudoeste do Pará, divisa com o Mato Grosso. Todos esses locais, por serem áreas de serras, com probabilidade da existência de abrigos sob-rocha e com a concentração espacial de uma diversidade ambiental, apresentam grande probabilidade com relação à possibilidade de existência de sítios antigos e, melhor, estão dispersos por regiões diversificadas e distantes entre si, mas todas inseridas na Amazônia.

No entanto, além dos abrigos localizados nas áreas de serra, há também sítios a céu aberto que podem estar tanto nas áreas próximas aos abrigos, quanto em locais específicos da paisagem nos quais o pacote sedimentar relacionado ao Pleistoceno-Holoceno não tenha sido erodido/remodelado. Esse é o caso dos sítios do Holoceno Inicial da Amazônia Central, por exemplo (NEVES, 2006).

Seja em sítios a céu aberto, seja em sítios em abrigo, o que esperar do conjunto de vestígios associados às ocupações desse período? Devemos continuar procurando artefatos bifaciais, pontas de projétil?

## Tecnologia lítica

Apesar dessa fixação e quase uma tirania da busca por pontas de projétil como indicadores da antiguidade, e até mesmo relação cultural entre as ocupações do final do Pleistoceno/começo do Holoceno, dentre os contextos que já mencionamos, esse tipo de tecnologia e esse tipo de artefato são absolutamente exceções. Pontas de projétil de fato bem contextualizadas e datadas só aparecem em dois locais dos mencionados até agora: Pedra Pintada – com datas próximas a 11.000 (ROOSEVELT et al., 1996) e Dona Stela – com datas próximas a 7.000 (NEVES, 2006). Em todos os outros sítios mencionados, além de não terem sido identificados pontas de projétil, são inexistentes ou muito raros, quaisquer vestígios relacionados ao uso da tecnologia bifacial – as indústrias são eminentemente unifaciais, com baixa frequência de artefatos formais e preponderância do uso de matérias-primas locais.

Através dos trabalhos realizados no médio e baixo rio Jamaris, Miller definiu três fases pré-cerâmicas<sup>5</sup>, das quais apenas uma se enquadra no período selecionado para este artigo – a fase Itapipoca. Essa fase foi definida a partir de vestígios líticos identificados em cinco sítios<sup>6</sup> localizados sobre barrancos altos adjacentes ao rio, implantados a cerca de 10 a 20 m acima do nível das cheias, os quais corresponderiam a sítios acampamento. Os vestígios se encontram distribuídos em finas camadas com cerca de 15 cm de espessura, a uma profundidade entre 3,6 e 6 m da superfície e dispersos por uma área que pode variar entre 32 e 56 m ao longo da barranca do rio. O material lítico associado a esses depósitos apresenta como matérias primas a calcedônia, o quartzo, rochas cristalinas e basalto, sendo os artefatos representados por raspadores laterais e terminais, percutores, lascas com e sem retoque e núcleos esgotados (MILLER, 1992, p. 36-38).

Para as demais fases que se distribuem ao longo do Holoceno Médio as descrições disponíveis são também bastante sucintas, mas há indicações de variações com relação às matérias primas utilizadas e os artefatos produzidos. Para a Fase Pacatuba, por exemplo, continuam sendo utilizadas as mesmas matérias primas, mas há uma diminuição significativa no uso da calcedônia. Dentre os vestígios identifica-se uma diminuição no conjunto de artefatos “formais” sendo os raspadores raros e pequenos, predominando lascas e microlascas, com a presença também de percutores e núcleos. A maior diferença ocorre, no entanto na transição para a Fase Massangana que inclui uma utilização mais intensa de rochas cristalinas ao mesmo tempo que diminui a frequência de quartzo e da calcedônia. Dentre os vestígios aparecem lascas e micro lascas de quartzo, sendo ainda raros e pequenos os raspadores. As principais modificações envolvem o aparecimento de pedras-bigorna, pequenos pilões e mãos-de-pilão, além de moedores impregnados de corante e pedras corante (hematita) e raras lâminas de machado picotadas, lascadas, mal alisadas e pequenas (MILLER, 1992, p. 36-38).

A região da serra dos Carajás começou a ser pesquisada pela equipe de arqueologia do MPEG no início da década de oitenta quando se estabeleceu um convênio entre CNPq, MPEG e CVRD que resultou, entre outras coisas, na escavação da Gruta do Gavião (SIMÕES, 1986; HILBERT, 1993; MAGALHÃES, 1994; SILVEIRA, 1995). As datas obtidas com a escavação da Gruta do Gavião, que abrangem o intervalo entre  $8.140 \pm 50$  e  $2.900 \pm 90$  AP (MAGALHÃES, 1994, p. 62) e outros sítios da região (como PAAT-19 com  $1670 \pm 80$  AP e PA-AT-21 com  $440 \pm 55$  AP (MAGALHÃES, 1994, p. 38), apontam para uma ocupação contínua dessa região, que inclui sítios dos períodos pré-cerâmico e cerâmico. Com relação ao intervalo entre 12-8.000 AP, ainda outros sítios escavados

---

<sup>5</sup> Fase Itapipoca, com datas entre  $8320 \pm 10$  (beta 27015) e  $6970 \pm 60$  (beta 27013); Fase Pacatuba, com datas entre  $6090 \pm 130$  (beta 27658) a  $5210 \pm 70$  (beta 27017); Fase Massangana, com datas entre  $4780 \pm 90$  a  $2640 \pm 60$  AP.

<sup>6</sup> Sítios RO-PV-47, 48, 49, 73, 74.

apresentaram datações que indicam uma ocupação intensa dos abrigos da serra nesse período (MAGALHÃES, 2005)<sup>7</sup>.

Com relação à indústria lítica característica desse “Complexo pré-cerâmico” (HILBERT, 1993, p. 9), as quatro matérias-primas mais utilizadas foram o quartzo na forma de cristal hialino, seguido pelo mesmo quartzo, mas na forma de cristal leitoso, depois pelo citrino e pela ametista. Berílio, quartzo leitoso, quartzito, granito, hematita e basalto foram também utilizados, mas aparecem em quantidade bastante pequena nos abrigos dessa região. Segundo os dados levantados por Hilbert (1993, p. 23) a fonte de cristais de quartzo mais próxima à Gruta do Gavião está a uma distância de 40 km, enquanto para as outras matérias-primas, cuja fonte envolve depósitos secundários de seixos de rio, a distância da gruta é de apenas 5 km.

O material lítico encontrado na gruta do Gavião apresenta vestígios relacionados a diferentes etapas da cadeia operatória de produção de artefatos, desde os trabalhos iniciais de transformação de núcleos e produção de lascas, até a realização de retoques, a utilização e o descarte dos artefatos, predominando, no entanto, lascas, detritos de lascamento e núcleos (HILBERT, 1993, p. 25). Através da análise desses diferentes tipos de vestígio, Hilbert propõe uma sequência operatória para explicar uma suposta contradição identificada no conjunto lítico do abrigo, que apresenta ao mesmo tempo uma predominância de lascas unipolares e núcleos bipolares em seu conjunto (HILBERT, 1993, p. 29): na primeira etapa de lascamento (dos núcleos), os cristais foram quebrados no meio, de tal maneira, que formava uma plataforma inclinada; o lascamento do núcleo a partir desta plataforma inclinada continuou com percussão direta; mais tarde quando os núcleos ficaram menores e menos manuseáveis, eles foram lascados com a técnica bipolar; em alguns casos, os núcleos bipolares (ou sobre bigorna) não foram abandonados, mas trabalhados mudando constantemente a direção do lascamento até chegarem a uma forma poliédrica. Só após este estágio o núcleo foi abandonado.

Com relação ao conjunto artefactual, foram definidos nove tipos de artefatos que podem ser sintetizados em três categorias básicas, assim distribuídas: instrumentos retocados (34%), instrumentos com marcas de uso (44%) e moedores e polidores (21%) (HILBERT, 1993, p. 31). Com relação à matéria prima utilizada para fabricação desses instrumentos, apesar de haver mais artefatos em quartzo hialino, proporcionalmente as matérias primas coloridas, como ametista e citrino, foram mais utilizadas do que o quartzo (HILBERT, 1993, p. 33). No que tange à correlação entre tipo de utilização e matéria-prima, fica evidente que basalto, hematita, granito e quartzo leitoso foram matérias primas utilizadas preferencialmente para produção de artefatos utilizados para polir e percudar. Por fim, a correlação entre os diferentes tipos de vestígio e o tipo de transformação associado à produção dos artefatos

---

<sup>7</sup> Gruta do Pequiá -  $8.119 \pm 50$  (Beta 11070),  $8.340 \pm 50$  (Beta 110702),  $8.520 \pm 50$  (Beta 110701),  $9.000 \pm 50$  (Beta 110699) Gruta do Rato  $8.470 \pm 50$  (Beta 110706),  $8.260 \pm 50$  (Beta 110703),  $7.040 \pm 50$  (Beta 110705).

indica que a matéria prima lítica foi utilizada preferencialmente de forma oportunística, com uma utilização dos vestígios em sua forma bruta, sendo mínima a representatividade de instrumentos formatizados (HILBERT, 1993, p. 34).

Essas mesmas características parecem caracterizar o material lítico encontrado em outros abrigos da região, embora alguns não tenham sido ainda analisados por completo (MAGALHÃES, 2005).

Recentemente trabalhos de consultoria realizados pela Scientia Consultoria Ambiental têm identificado uma série de sítios arqueológicos associados ao período pré-cerâmico na região sudeste do Pará e central do Maranhão, dos quais muitos se inserem na faixa cronológica enfatizado neste artigo<sup>8</sup> (CALDARELLI et al., 2005, KIPNIS et al., 2005).

No entanto, também nestes casos, as publicações até o momento apresentadas não focaram especificamente a questão da tecnologia lítica, prevalecendo descrições genéricas sobre composição dos conjuntos em termos de matéria-prima, técnica de lascamento e conjunto artefactual. Ainda que sucintas e preliminares essas descrições apontam para a preponderância de indústrias unifaciais compostas por artefatos expedientes (CALDARELLI et al., 2005, OLIVEIRA, 2007).

Como mencionamos anteriormente, o único local no qual a indústria lítica associada à uma ocupação compreendida entre 12-8.000 anos BP apresenta artefatos bifaciais é o abrigo da Pedra Pintada, em Monte Alegre, PA. Escavado por Roosevelt na década de 1990 esse abrigo apresenta para os níveis mais antigos datas radiocarbônicas entre 11200 e 10000 AP (ROOSEVELT, et al., 2002, p. 231-233). Apesar da coleção lítica analisada incluir mais de 30.000 vestígios, apenas 24 artefatos formais foram identificados, dos quais 10 bifaciais e 14 unifaciais (ROOSEVELT et al., 1996, p. 377). As matérias-primas mais utilizadas foram a calcedônia e o quartzo hialino, os quais apresentaram variações de frequência entre os níveis mais antigos e recentes desse período, predominando calcedônia nos mais antigos e quartzo nos mais recentes. Com relação à técnica de lascamento, não foi identificada a utilização de lascamento bipolar, predominando o lascamento unipolar combinado com a utilização da técnica de pressão.

Com relação aos artefatos bifaciais foram identificadas quatro pontas de projétil triangulares, duas pré-formas de ponta, um biface em quartzo, dois bifaces em calcedônia e uma lasca de calcedônia retocada bifacialmente. Já entre os artefatos unifaciais há um furador em calcedônia, quatro lesmas, cinco lascas retocadas de diferentes matérias primas e quatro lâminas de calcedônia utilizadas, mas não retocadas (ROOSEVELT et al., 1996, p. 377-378).

---

<sup>8</sup> Na região de Carajás há datas no intervalo entre  $8850 \pm 40$  (Beta 210858) e  $970 \pm 70$  (Beta 215054) para mais quatro sítios – NV-V, N4WS-017, N4WS-012, N4WS-005 (KIPNIS et al. 2005, p. 88). Os sítios pré-cerâmicos identificados no Maranhão apresentam datas relativas ao Holoceno Médio, sendo a mais antiga de  $7.970 \pm 40$  (Beta 175184) (CALDARELLI et al., 2005, p.104).

Essa informalidade que caracteriza, de um modo geral as indústrias líticas mencionadas, associadas ao uso das matérias-primas locais, aponta para indústrias líticas de alcance local, relacionadas a uma interação intensa que envolve um bom conhecimento sobre distribuição, acessibilidade e apropriação dos recursos em âmbito local. Assim, o que temos para esse período é uma diversidade de indústrias majoritariamente unifaciais.

Há até o momento, menos de 20 pontas de projétil encontradas em toda a Amazônia, a maioria delas proveniente de sítios de superfície ou de contextos perturbados e mal conhecidos. Dentre as datadas, há pontas de 11.000, de 7.000 e de 4.000 – ou seja, como pretender usar esse artefato como indicador cronológico?

De fato, este procedimento está muito mais relacionado à importação, aceitação e tentativa de aplicação de um modelo externo, construído sobre e para outro contexto em detrimento das evidências e suas implicações em âmbito regional. Se tomarmos a caracterização normalmente feita para as indústrias líticas do Brasil de um modo geral, essas características aproximam o contexto amazônico, muito mais do seu vizinho Brasil Central, tradicionalmente caracterizado como o conjunto lítico sem pontas do Brasil, do que da região sul do país, na qual prevalece sem dúvida uma indústria com tecnologia bifacial (PROUS, 1991; SCHMITZ, 1987).

O que essa situação aponta? Há uma diversidade entre as indústrias líticas dessa macrorregião que foge completamente a esse modelo único de ocupação, e que aponta para um cenário muito mais diversificado já no início do Holoceno e que, em alguns casos, apresenta datas ainda mais recuadas. Essas datas precisam ser esclarecidas? Sim, precisam, mas não podemos assumir a priori que elas estão erradas, porque o modelo vigente – também ele cheio de lacunas propõe que assim o seja.

## CONCLUSÃO

Três aspectos devem ser destacados:

- cronologia – os dados disponíveis são suficientes não só para atestar a presença humana em diferentes regiões da Amazônia já na transição Pleistoceno/Holoceno, como também para indicar uma ocupação dessa vasta região em períodos até mais recuados, haja vista a distância e dispersão dos sítios associados a esse período;
- tecnologia lítica – a diversidade das indústrias líticas associadas aos contextos que remontam ao final do Pleistoceno e início do Holoceno aponta para a existência de diferentes processos de ocupação relacionados à exploração das matérias-primas locais – os conjuntos líticos apresentam particularidades, tanto no que diz respeito às técnicas, às sequências

operatórias, às matérias-primas e o conjunto artefactual, o que, em associação, aponta para a existência de repertórios culturais distintos e particulares, possivelmente associados à trajetórias históricas de ocupação distintas.

- modelos de povoamento – o conjunto de dados acima apresentado sustenta a possibilidade de trabalharmos com a existência de processos diversificados para o povoamento da região amazônica – processos que envolvem a existência de momentos e rotas de ocupação distintas, que envolvem repertórios culturais distintos e trajetórias históricas particulares. Neste sentido, não há razão para trabalharmos com um modelo único e hoje anacrônico para entender, seja o processo de ocupação da América, seja o processo de ocupação da Amazônia, como é o modelo Clóvis First – tanto os dados relativos à cronologia, quanto aqueles derivados da análise de diferentes conjuntos de vestígios, como lítico e fauna, apontam para lacunas e imprecisões desse modelo, que tornam sua aplicabilidade bastante deficiente e insatisfatória para interpretar e compreender o processo de ocupação da região amazônica (ROOSEVELT et al., 2002).

Assim, ao invés de balizar o conhecimento disponível segundo sua adequação ou não ao modelo vigente, seria interessante que implantássemos propostas de cunho regional e integrado, estabelecendo comparações entre os contextos em diferentes escalas, desde as sequências operatórias, passando pelas análises intra-sítio e, por fim, pela articulação dos sítios entre si e na paisagem. Para isso, não precisamos buscar novos e diferentes locais nos quais haja sítios associados a esse período, podemos voltar às áreas já trabalhadas e inserir o entorno dos sítios já trabalhados, ampliando e detalhando sua inserção em contexto.

Com base nos dados apresentados, podemos apontar alguns tópicos de pesquisa que podem ajudar a direcionar os trabalhos arqueológicos sobre a ocupação antiga na Amazônia brasileira.

Esses tópicos envolvem:

- seleção de áreas e ampliação da prospecção para identificação de sítios antigos, privilegiando-se a construção de contextos compostos por conjuntos de sítios, ou seja, prospecções com orientação regional; alguns locais favoráveis para isso, além dos já conhecidos são: serra das Andorinhas, sudeste do Pará, serra do cachimbo, sudoeste do Pará, Presidente Figueiredo, ao norte de Manaus, serra dos Parecis divisa entre Rondônia/Mato Grosso;
- investimento na datação e redatação de sítios já escavados e com amostras disponíveis;
- análises tecnológicas dos vestígios líticos orientadas para definição da cadeia operatória e organização tecnológica, englobando todos os vestígios e definindo as estratégias envolvidas na gestão dos conjuntos artefatuais em cada um dos locais pesquisados;
- aprimoramento nos métodos de coleta e de análise de vestígios de fauna e flora presentes em sítios arqueológicos;

Todos esses tópicos, no entanto, devem estar envolvidos em um problema de pesquisa mais amplo que discuta os processos de ocupação dessa macrorregião em termos de trajetórias históricas particulares e dinâmicas de ocupação distintas.

Além disso, precisamos incorporar o fator histórico ao que chamamos Amazônia, ou seja, seus limites, configuração e variações internas flutuaram ao longo do tempo e isso não só influenciou como foi resultado da ação humana – quais as implicações disso? É importante olharmos para o que hoje são as fronteiras dessa macrorregião e pensar na interação entre ecossistemas vizinhos e na importância das áreas de transição em termos de estratégias de subsistência e mobilidade.

Essa orientação é fundamental para que possamos inserir esse período da ocupação humana na Amazônia dentro de uma pesquisa que se preocupa em estudar processos de longa-duração, o que contribuiria de forma significativa para avançarmos a discussão e compreensão de aspectos cruciais da pré-história amazônica, como são os hiatos de ocupação ao longo do Holoceno e a existência de datas bastante recuadas para a presença de cerâmica em certos locais dessa macrorregião.

Não só na Amazônia, como em outras partes do Brasil, há evidências contundentes da ausência de um “Horizonte Paleoindígena” na concepção original do conceito e da predominância de um modo de vida muito mais próximo do Arcaico, mas já desde o início do Holoceno – discutir esse contexto é, de certa forma, discutir também complexidade, manejo, agricultura, concepção e transformação da floresta, aspectos que se intensificam, mas que provavelmente já estão presentes nesse período que chamamos de ocupação antiga da Amazônia.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. A variabilidade cultural no período paleoíndio no Brasil (11.000 – 8.000 AP): algumas hipóteses. **Revista do CEPA**, v. 28, n. 39, p. 111-130, 2004.
- BRYAN, A.; GRUHN, R. Some difficulties in modeling the original peopling of the Americas. **Quaternary International**, v. 109, p. 175-179, 2003.
- BUENO, L. Variabilidade tecnológica nas indústrias líticas da região do Lajeado, médio Rio Tocantins. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, 2007. 215p. Suplemento 4.
- CALDARELLI, S.; COSTA, F.; KERN, D. Assentamentos a céu aberto de caçadores coletores datados da transição pleistoceno final/Holoceno inicial no sudeste do Pará. **Revista de Arqueologia**, v.18, p. 95-108, 2005.
- DILLEHAY, T. **The settlement of the Americas: a new prehistory**. New York: Basic Books, 2000.
- DIXON, E. **Bones, boats, and bison: archaeology and the first colonization of western North America**. Albuquerque: University of New Mexico, 1999.
- DIXON, M. Human colonization of the Americas: timing, technology and process. **Quaternary Science Reviews**, v. 20, p. 277-299, 2001.

- FAUGHT, M. Archaeological roots of human diversity in the New World: a compilation of accurate and precise radiocarbon ages from earliest sites. **American Antiquity**, v. 73, n. 4, p. 670-698, 2008.
- FIEDEL, S. The peopling of the New World: present evidence, new theories, future directions. **Journal of Archaeological Research**, v. 8, n. 1, p. 39-103. 2000.
- GNECCO, C. An archaeological perspective of the Pleistocene/Holocene boundary in northern South America. **Quaternary International**, v. 53/54, p.3-9, 1999.
- GNECCO, C.; MORA, S. Late Pleistocene/early Holocene tropical forest occupations ad San Isidro and Peña Roja, Colombia. **Antiquity**, v. 71, p. 683-90, 1997.
- GOEBEL, T.; WATERS, M.; O'ROURKE, D. The late Pleistocene dispersal of modern humans in the Americas. **Science**, v. 319, p. 1497-1502, 2008.
- HILBERT, K. **Organização e uso do espaço de grupos caçadores-coletores pré-históricos na gruta do Gavião, serra dos Carajás (PA)**. Relatório. Porto Alegre: PUC, 1993. 87p.
- KIPNIS, R.; CALDARELLI, S.; OLIVEIRA, W. Contribuição para a cronologia da colonização amazônica e suas implicações teóricas. **Revista de Arqueologia**, v. 18, p. 81-94, 2005.
- MAGALHÃES, M. **Arqueologia de Carajás**. A presença pré-histórica do homem na Amazônia. Rio de Janeiro: Companhia Vale do Rio Doce, 1994.
- MAGALHÃES, M. **A Physis da origem**. O sentido da História na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2005.
- MILLER, E. Pesquisas Arqueológicas paleoindígenas no Brasil Ocidental. In: MEGGERS, B.; NUÑES, L. (Orgs.). Investigaciones paleoindias al sur de la línea ecuatorial. **Estudios Atacameños**, San Pedro de Atacama, v. 8, p. 37-61, 1987.
- MILLER, E. **Arqueologia nos empreendimentos hidrelétricos da Eletronorte**. Brasília DF: Eletronorte, 1992.
- NEVES, E. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- OLIVEIRA, W. C. **Caçadores coletores na Amazônia: eles existem**. 2007. 128f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2007.
- PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília DF: UnB, 1991.
- ROOSEVELT, A.; DOUGLAS, J.; BROWN, L. The migrations and adaptations of the first Americans Clovis and pre-Clovis viewed from South America. In: JABLONSKY, N. (Ed.). **The First Americans**. The pleistocene colonization of the world. San Francisco: California Academy of Science, 2002. (Wattis Symposium Series in Anthropology).
- ROOSEVELT, A. C.; LIMA DA COSTA, M.; LOPES MACHADO, C.; CICHAB, M.; MERCIER, N.; VALLADAS, H.; FEATHERS, J.; BARNETT, W.; IMAZIO DA SILVEIRA, M.; HENDERSON, A.; SILVA, J.; CHERNOFF, B.; REESE, D. S.; HOLMAN, J.A.; TOTH, N.; SCHICK, K. Paleoindian Cave-dwellers in the Amazon: The Peopling of the Americas. **Science**, v. 272, p. 373-384, 1996.
- ROOSEVELT, A. C.; HOUSLEY, R. A.; IMAZIO DA SILVEIRA, M.; MARANCA, S.; JOHNSON, R. 1991. Eight Millennium Pottery from a Shell Mound in the Brazilian Amazon. **Science**, 254, n. 5038, p. 1621-1624, 1991.
- SCHMITZ, P. I. Prehistoric Hunters-gatherers of Brazil. **Journal of World Prehistory**, v.1, n.1, p. 53-125, 1987.
- SILVEIRA, M. I. **Estudo sobre estratégia de subsistência de caçadores-coletores pré-históricos do sítio Gruta do Gavião, Carajás (Pará)**. 1995. 151f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 1995.
- VIALOU, A. (Org.). **Pré-História do Mato Grosso**. v 1. Santa Elina. São Paulo: Edusp, 2005.